

# A CIDADE NO ROMANCE ATIRE EM SOFIA, DE SÔNIA COUTINHO: UM OLHAR GEOGRÁFICO

Janio Roque Barros de Castro\*

**RESUMO** - No presente trabalho, faz-se uma análise acerca do espaço urbano no Romance *Atire em Sofia* de Sorna Coutinho, sob a ótica geográfica. A obra trata da história de alguns amigos que retomam à terra natal vinte anos depois de a terem deixado, encontrando uma cidade completamente diferente, estranha. Dentre esses personagens, destaca-se Sofia, uma mulher preocupada com a questão feminina na sociedade brasileira do seu tempo, notadamente nas grandes cidades. A autora mescla o concreto com o ficcional em cenários urbanos complexos e exóticos.

**PALAVRAS - CHAVES:** Cidade; espaço; tempo; mulher.

**ABSTRACT** - This present work aims to analyze the urban space in the novel "*Atire em Sofia*", written by Sonia Coutinho, through a geographical approach. This novel narrates the story of some friends who go back to their hometown twenty years later, and find it completely changed, strange. Among these characters can be highlighted Sofia, "woman issue" in the Brazilian society, specially in large cities. The author mixes up reality and fiction in exotic and complex urban sceneries.

**KEY-WORDS:** City; space; time; woman.

---

\*Professor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus V Santo Antônio de Jesus.  
janiocastro@bol.com.br

## INTRODUÇÃO

A cidade, como espaço de ações, conflitos, fragmentos, constitui-se em um rico cenário para os estudos acerca das dinâmicas e da complexidade da sociedade atual. As obras literárias, que apresentam personagens envolvidos em situações que mesclam o real e o fictício, são de grande importância para se compreender o urbano na sua dimensão social, material e cultural.

No presente trabalho, faz-se uma análise acerca da cidade no romance *Atire em Sofia* de Sonia Coutinho, na qual a personagem Sofia, que protagoniza a trama, é uma mulher separada do marido, e que depois de vinte anos retorna à cidade natal para tentar rever as filhas e reencontra velhos amigos com suas angústias, desejos em uma cidade transformada pelo tempo, com um cenário urbano conflitivo e enigmático, mesclando recortes espaço - temporais reais, míticos, imaginários.

A partir de elementos, conceitos e questões da Geografia, o intuito é compreender a cidade e o urbano no romance de Sonia Coutinho, analisando-se aspectos da cotidianidade urbana de Salvador e do Rio de Janeiro, intercalados com outros centros urbanos reais e fictícios.

### BREVE RESUMO DA AUTORA E DA OBRA

Sônia Coutinho é jornalista, tradutora e escritora. Como cronista, foi premiada pelo livro *os venenos de Lucrecia* considerado melhor livro de contos em 1979. É autora de cinco livros de contos e *Atire em Sofia* foi seu primeiro romance.

Em *Atire em Sofia*, Sonia Coutinho mescla personagens e lugares exóticos, simbólicos e concretos, para falar da vida de Sofia, uma jornalista que se mudou da Bahia para o Rio de Janeiro depois de separar-se do marido, deixando com ele duas filhas. Anos mais tarde, teve que retornar, não por amor à terra natal, mas pelas filhas, submetendo-se aos preconceitos e ao julgamento de alguns moradores da cidade. Sofia não conseguiu uma reaproximação com a família. No entanto, reencontra velhos companheiros como Fernando, Matilde e João Paulo.

Nesta obra, nota-se que, por onde Sofia anda na cidade, o espaço e as pessoas manifestam-se de forma concreta, realista, e ao mesmo tempo de forma mítica. Lugares, entidades, conflitos, medos, desejos intercalam-se nesta trama. É uma obra de grande importância e representa o olhar sobre a cidade a partir de uma mulher, que enfrenta preconceitos e discriminação por ser mulher separada transitando entre metrópoles machistas e patriarcais.

### A QUESTÃO ESPACIAL NO ROMANCE ATIRE EM SOFIA

A Geografia estuda a sociedade em uma perspectiva espacial, ou seja, como os homens produzem, reproduzem e transformam o espaço. Em uma obra

literária, pode-se ter a visão do espaço geográfico em termos de totalidade ou de um recorte espacial, a partir da concepção de um (a) autor (a) que cria cenários e situações nos quais personagens reais ou fictícios vivenciam e produzem o espaço em um determinado lugar.

No romance *Atire em Sofia*, destacam-se conceitos importantes trabalhados na Ciência Geográfica como lugar, paisagem e território nas grandes cidades, que podem ser analisados a partir do binômio espaço - tempo.

Em uma passagem, a autora fala do Rio de Janeiro, considerada como uma cidade labirinto, lugar que seduz e atrai um dos personagens seja por desespero ou por fuga, ou mesmo um espaço enigmático e fragmentado, no qual o velho e o novo interpenetram-se não só em termos de relações interpessoais, mas também em termos de formas como aparece no trecho a seguir, remetendo à personagem Matilde:

Sabe que a cidade critica sua maneira de vestir, considerada espalhafatosa para uma mulher de 40 anos - saias curtas, cores muito vivas, babados, botinhas prateadas, barriga de fora. E assim vai para os lugares mais chiques e movimentados, sempre sozinha e procura seduzir os homens... (COUTINHO, 1989, p. 19)

Caberia um questionamento: Quem é a cidade? Nota-se uma tendência ao longo do romance de personificação da cidade. Para Santos (1994), a cidade corresponde às formas, à materialidade, enquanto o urbano já é uma expressão mais abrangente, contemplando aspectos que vão além do material e estendem-se pelas relações sociais no cotidiano das cidades. Na perspectiva de Sônia Coutinho, a cidade é vista em termos da suas formas em conjunto (cidade labirinto) e em termos das suas relações sociais cotidianas (julgamento das formas de se vestir em determinada faixa etária, neste ou naquele lugar). É como se esta cidade determinasse de forma normativa, para cada idade um determinado tipo de roupa, em uma determinada época ou para uma determinada faixa etária. Na concepção de Santos: "Cada lugar combina variáveis de tempo diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com diferentes idades"(1988, p.98). Santos, neste caso, refere-se à cidade enquanto materialidade e dinâmica social. Esta visão do novo e do velho, também pode ser aplicada aos hábitos e tabus que persistem mesmo nos grandes centros urbanos. A forma como 'as pessoas se vestem é um indicativo de um contexto sócio-cultural que pode ser fortemente influenciado por questões de ordem religiosa, por exemplo.

A tendência de personificação da cidade reaparece com o personagem João Paulo:

(...)A chave para explicar tanta coisa, uma explicação para a sua trajetória, a partir do que viveu aqui há quase vinte anos,

numa cidade branca, de classe média e preconceituosa. Sua vida, de repente, nesta varanda, ganha até um sabor épico, de luta contínua para sobreviver aos efeitos de surdos tabus... (COUTINHO, 1989, p. 24)

Esta cidade, considerada racista, é retomada em outros trechos da obra quando se nota uma resistência da população branca de Salvador, em aceitar a projeção da população negra, que agora compartilha com a classe média branca espaços públicos considerados exclusivos para não negros. Não que existisse uma barreira física impedindo mobilidade espacial do negro pela cidade, mas porque existia uma barreira sócio-econômica: a renda. A herança escravocrata fez com que a maioria dos pobres, no Brasil, fosse negra ou de afro-descendentes, daí a renda constituir-se em obstáculo à mobilidade espacial do negro. Existe aí uma questão não só étnica como também social.

Segundo Santos, o espaço é a morada do homem e também pode ser a sua prisão. A baixa renda, segundo este autor, torna o homem prisioneiro do lugar e pode fazer com que uma metrópole se constitua uma cidade local para um pobre, uma vez que este não tem acesso à diversidade dos serviços metropolitanos. MILTON SANTOS destaca que “a rede urbana, o sistema de cidades, tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo.” (1987, p. 112). Desta forma, depreende-se que as limitações à mobilidade espacial dos moradores da grande cidade são determinadas pelas gritantes desigualdades sociais nos grandes centros urbanos, que se expressam espacialmente. Apesar de esta problemática estar relacionada à renda, a questão étnica deve ser destacada, uma vez que a maioria dos pobres do Brasil é constituída de afro - descendentes como se salientou anteriormente.

Na obra sob análise, aparecem menções da cotidianidade urbana como:

(...) A vista da varanda é para horrendos espigões que proliferam, desordenados, ao lado de casas baixas, na ladeira defronte. Lá embaixo, na rua, o barulhento caos do trânsito e, na calçada, sacos de lixo empilhados. (COUTINHO, 1989:24)

O olhar sobre a paisagem urbana estende - se não só para um físico que se impõe e se prolifera (prédios altos) como também para uma cidade que se movimenta (trânsito). A partir de uma obra literária instigante, como *Atire em Sofia*, podem-se pontuar algumas questões como idéia de desordem urbana. Para algumas pessoas, a localização dos edifícios, condomínios fechados, favelas não obedecessem a uma ordem capitalista. O processo pode diferenciar de uma cidade para outra, por conta das especificidades locais, no entanto, a lógica é mesma. Este processo de produção / reprodução do capital projeta - se especialmente nas cidades como aponta Manuel Castells (1983). A autora do romance destaca um cotidiano no qual alguns são obrigados a viver guetificados

em lugares apáticos e solitários na selva de pedra.

No romance em questão, o ficcional, manifestado a partir de seres míticos produzidos pelo imaginário das pessoas, aparece nos espaços materiais transitados cotidianamente pelas pessoas, e, que por isso, servem de referenciais:

Cruzava o Largo do Pelourinho, naquela direção, por volta das 8 horas da noite, quando avistou, pousadas no telhado de um dos casarões, sob o brilho pálido dos relâmpagos, três enormes aves negras, demônios da morte súbita. (COUTINHO, 1989, p. 33)

O espaço material e o espaço mítico - ficcional entrecruzam - se. A cidade, nesta perspectiva, apresenta três dimensões: duas materiais e uma mítica. a) A cidade resquício de um tempo passado (antigos casarões); b) A cidade atual (às 8 horas da noite); c) A cidade ficcional mesclada com o material (as aves negras pousadas no telhado dos sobrados).

Não há, portanto, uma separação entre o espaço mítico e o espaço material cristalizado através das formas, que, juntas constituem a cidade. Segundo Tuan :

A cidade é um lugar, um centro de significados por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo. A cidade tradicional simbolizava primeiro a ordem transcendental e é feita pelo homem em oposição às forças caóticas da natureza terrena e infernal. (1983, p. 191).

Os símbolos da cidade podem ser a rua, as praças, a casa, a igreja ou outras obras do homem ou da natureza, como uma gruta, por exemplo, que é considerada como lugar sagrado, que notabiliza a cidade de Bom Jesus da Lapa na Região do Médio São Francisco na Bahia. Para Tuan (1983), o espaço se transforma em lugar quando passa a ter significado para quem nele habita. O personagem que viu as aves negras sobre os casarões do Pelourinho era um transeunte, um observador. A visão do personagem, aves negras frutos da imaginação e expressões como "cidade labirinto", "cidade estranha" podem significar a solidão dos personagens em meio a um cenário urbano considerado caótico, competitivo e individualista. "O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais (...)". (TUAN, 1983: 112)

Em outra passagem, o olhar contemplativo do personagem Fernando destaca a Baía de Todos os Santos, salientando as edificações que bordejam o mar na cidade de Salvador:

Dirigi rápido e, quando começa a descer a Avenida Contorno,

espia de relance, lá embaixo, a vista deslumbrante da baía, a península do outro lado, com suas pequenas e ingênuas edificações, como um quadro de pintor primitivo. (COUTINHO, 1989: 34).

#### Na concepção de Santos:

A paisagem pode ser domínio do visível, aquilo que a vista abarca. O olhar sobre as paisagens da cidade, é diferenciado de pessoa para pessoa. A percepção é sempre um processo seletivo. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada (1988, p. 62).

A paisagem apresenta formas de idades diferenciadas, uma vez que Santos (1996) destaca o caráter transtemporal da paisagem, ou seja, sobre uma fração do espaço total, em um determinado momento, detectam-se formas de várias idades, épocas e contextos sócio-culturais.

A segregação sócio - espaço - racial aparece em algumas passagens, segundo Coutinho:

(...) Tem saudade, por exemplo, da beira mar de antigamente, área aristocrática, onde aos domingos, as moças desfilavam com seus melhores vestidos. Hoje, nos fins de semana, a população negra já se senta maciçamente nas cadeiras das sorveterias que, antes, eram consideradas chiques, ou seja, reduto exclusivo do seu grupo. (...) (1989, p. 35).

Os afro – descendentes, constituem-se a maior parte da população pobre, por isso tinham lugares “reservados” nas cidades: as periferias pobres, os cortiços e as favelas. A melhoria no poder aquisitivo, aumenta o seu poder de consumo e sua mobilidade espacial, que, inequivocamente, constitui -se em um esboço de ascensão social, mesmo que tímido, o que provoca inquietações não só no período retratado no romance (década de 1970 e início dos anos 1980) como nos dias atuais. Esta situação incomoda a parte racista da elite e chega a gerar violentos conflitos urbanos. No romance, um negro casado com uma branca residente em um bairro classe média, foi espancado porque saiu do lugar que, historicamente, foi lhe imposto. Os conflitos ocorrem porque nessa nova cidade os negros não se restringem a guetos pontuais; mesclam-se com não negros em vários espaços da cidade.

Sofia, no seu retorno, encontrou uma cidade diferente, uma vez que os anos que levou distante fez com que ela encontrasse uma outra cidade, diz Coutinho:

De volta, recebe outra cidade, quase tão exótica para ela,

quanto uma capital africana ou uma metrópole oriental - Dacar, Lagos, Bancoc, Cingapura, Nova Deli. Como que vive numa realidade que acreditava a mais familiar, uma outra, a mais estranha. Cidade onde descobre outra família na que era a sua, outros amigos nos que eram os seus. (1989, p. 33)

As pessoas quando passam muitos anos fora da sua cidade de origem, guardam na mente aquela cidade que deixaram. Muitas vezes, o imaginário traz a mesma cidade em um cenário futurista, todavia, tanto a base material como a vida que anima aquela cidade, farão parte da memória nostálgica do seu morador. Por isso, ocorre o estranhamento com o reencontro: outra cidade, outra dinâmica social, outras formas que surgem superpostas contrapondo-se ou justapondo-se em meio a um cenário transtemporal. As novas formas denunciam a ação do tempo que é menos perceptível para o indivíduo que mora durante anos ininterruptos naquela cidade. Nesta perspectiva, a cidade é tempo cristalizado.

Para a personagem Sofia, esta cidade é esquisita. Para se referi a localização de Salvador, usa expressões como na "franja do Nordeste" ou mesmo "cidade ilha" cercada de pobres. Um dos personagens, João Paulo, pretende escrever um livro sobre a cidade a partir da memória dos seus moradores, seus amores, fugas, viagens, aventuras, dores e outros aspectos do cotidiano. Esta visão de cidade vai, portanto, muito além das formas, uma vez que destacam as pessoas, seus sentimentos, suas angústias, sua individualidade.

A abordagem sobre a cidade reveste-se de misticismo novamente quando aparecem expressões como "cidade aranha", "cidade serpente". A serpente é considerada um vilão na natureza, por isso, a cidade serpente seria uma visão da cidade como vilã da história? A aranha é um animal que tece teias para se deslocar e capturar outros animais para se alimentar. Nesta perspectiva, a cidade aranha seria uma tessitura constituída ao longo do tempo, para atender a determinadas finalidades, como a própria sobrevivência de uns, a expensas de outro, ou seja, para o salve-se quem puder?

Aparecem no romance menções a aspectos do cotidiano da cidade Salvador como a mendicância nas calçadas. Não só para os mendigos como para algumas personagens, não existe um lugar fixo de vivência, um bairro, uma rua ou até mesmo uma cidade. Aliás, não aparece sentimento topofílico, de amor pelo lugar, pela cidade por parte de quem nela vive, trabalha ou para ela retoma. Sofia, por exemplo, só retomou à cidade décadas depois, para rever as filhas. A maternidade determinou o seu retomo e não a cidade como espaço de vivência do passado, como lugar significativo. Aparecem menções também a lugares conhecidos do Rio de Janeiro como Copacabana, considerado um espaço de lazer significativo para João Paulo por conta dos barzinhos e de velhos cinemas. Para alguns turistas Copacabana também é um espaço desejado. Segundo Tuan (1983), o espaço transforma-se em lugar quando tem significado para uma determinada pessoa, ou para uma coletividade. Desta forma, o mesmo lugar pode ser multiexperenciado de diversas formas por diferentes grupos. O signo pode

ser um objeto fixo (prédio) ou algo mítico (uma lenda local).

Observando o cotidiano da cidade a partir da janela, a personagem Sofia vê um espaço urbano fragmentado e segregado que guetifica os afros - descendentes. Daí o grito do negro excluído na selva de pedra: "Esta cidade será dos africanos!". Esta revolta pode ser fruto de situações como esta descrita por um dos personagens. De acordo com Coutinho,

A chuva parou de cair, o sol, aparece entre as nuvens. Sente-se dominado por um viscoso mal-estar, como se a atmosfera quente e úmida da cidade, colasse nele, feito poeira adesiva. Debruça - se no peitoril da varanda, observa os passantes que circulam pela movimentada ladeira defronte, uma população pobre e mestiça que vai entupindo maltratados e barulhentos ônibus. (1989, p. 158)

Como se destacou anteriormente, quem é o pobre urbano? Quem anda de ônibus? Quem mora em favelas? Quem limpa as ruas? Negros ou descendentes. Pode-se partir desta importante obra literária para se analisar a questão do negro em uma perspectiva espacial.

A cidade que aparece na concepção de Sofia é vista tanto do ponto de vista da dinâmica social coletiva como produto material do trabalho humano quanto em termos da sua apropriação subjetiva (individualidade).

Assim como a concepção de espaço e cidade, as aceções acerca do tempo transitam do racional ao mítico no romance atire em Sofia. A idéia de tempo para Sofia, em um trecho da obra, aparece como sendo um processo linear, seqüencial e ao mesmo tempo mítico, mágico: "Tempos em que eu não podia olhar para trás, a fim de não virar estátua de sal", Coutinho (1989, p.28) Esta noção de tempo está relacionada a determinadas tradições familiares, que se constituíam verdadeiras imposições, notadamente para as mulheres mesmo nos grandes centros urbanos. Em outro trecho, Coutinho comenta que, o tempo é um processo que flui e permite reflexões nostálgicas de alguns personagens:

Entre dormir e acordar, assim lhe vem João Paulo neste instante, de repente estranho, outra pessoa, Gosta dele? Detesta - o? Agora não sabe nada, sua lembrança está também contaminada pela estranheza que vem sentindo em relação à cidade, já transformada em outra pela passagem do tempo. (1989, p. 30).

A cidade toma-se estranha para Sofia, por conta dos novos objetos introduzidos, que fizeram surgir um novo cenário urbano, não só em termos da materialidade como em termos da sua tessitura social e das controversas

relações intersubjetivas.

Os avanços nos meios de comunicação configuraram o espaço geográfico atual como meio técnico, científico e informacional, Santos (1994, 1996). Para Harvey (1989), vive-se a compressão tempo-espaço. A tecnologia teria comprimido as distâncias e o tempo. Na concepção de Virílio não existiria mais o espaço e sim o tempo. Milton Santos (1987) contesta esta visão e salienta que é o espaço torna visível a passagem do tempo, uma vez que é a partir do olhar sobre a paisagem, que se enxerga o velho (um antigo sobrado, uma casa, uma igreja histórica) ou o novo (um prédio em construção, uma nova via expressa). A materialidade evidencia através das formas espaciais a passagem do tempo. Na cidade da memória do personagem João Paulo, não há as marcas do novo, daí o estranhamento por parte do personagem. As novas edificações constituem-se materializações que denunciam a passagem do tempo.

A idéia de intemporalidade, para Coutinho, aparece na passagem a seguir:

Densas névoas desabando sobre a cidade do Rio, em sua memória. Com todas as gradações de cinza se desfazem pelas encostas do Corcovado, deixando as árvores repentinamente escuras, acinzentadas. É quando se instala, de repente, este silêncio definitivo, como se o instante estivesse fora do tempo. Um espaço intemporal, como imprevista conquista. (1989, p. 55)

Concebe-se o tempo como um processo, um movimento. Uma avenida em uma grande cidade apresenta o barulho dos veículos, das pessoas correndo, movimentando-se no espaço, quase sempre sem tempo. Esta seria a "cidade caótica" para muitos. A pressa, os congestionamentos, é o povo do tempo rápido, uma vez que para o personagem João Paulo, o silêncio significa um tempo estagnado ou um espaço atemporal.

No trecho a seguir, segundo Coutinho, a noção de tempo é relacionada a um processo e ao conceito de lugar:

Tenho um lado meio cigano em mim, sabe, Fernando? Acho porque não estou tentando chegar a lugar nenhum, para mim a vida é um percurso. E, sendo assim, tudo fica mais verdadeiro quando é vivido por uma temporada. Digamos, por um verão. Curto e ao mesmo tempo, infinito, por assim dizer eterno. (1989, p.84) (Personagem Sofia)

Deleuze e Guattari destacam que, para os nômades, o percurso, o trajeto é mais importante que o ponto enquanto os sedentários vêem o caminho apenas como um meio pelo qual se pode deslocar de um ponto a outro. Para Santos (1996), lugar é o espaço do acontecer solidário, no entanto, muitas pessoas sentem-se sós em vários lugares das grandes cidades, porque, como pontua o

citado autor, nos grandes centros urbanos há pessoas do tempo lento e pessoas do tempo rápido, fluídico. A cidade capitalista é acelerada e exige rapidez e fluidez, e, muitas vezes, condena ao ostracismo muitos atores sociais. A cidade transformou-se ao longo do tempo, entretanto, para alguns idosos, persiste, pelo menos na memória, aquela cidade do passado. Para personagem João Paulo, a sua cidade desapareceu, transformou-se em uma cidade mitológica; a sua Atlântida particular.

O verão aparece no romance como um período, um marco tempo-referencial, enquanto na vida cotidiana é considerado uma temporada de lazer, notadamente, nas cidades litorâneas, e, também época de rápidas e abruptas chuvas torrenciais que causam deslizamentos de terras, enchentes e outros transtornos, sobretudo à população mais pobre. A instabilidade do tempo atmosférico urbano torna instável também a personagem Sofia, que acompanha o cotidiano da cidade em meio às influências das forças naturais sobre o espaço produzido pela ação antrópica. Em alguns trechos do romance, não existe uma linearidade do tempo, talvez por conta dos constantes deslocamentos de personagens como Sofia, as quais vêem a vida como um percurso. Este itinerário, no entanto, não é linear, nem centrado, uma vez que se fala em vivências em diferentes lugares por uma temporada. Trata-se de um nomadismo atomizado.

Entretanto, o personagem Fernando considera o tempo uma progressão em degraus, daí surgirem expressões como: "A máquina do tempo está desregulada, provocando bruscos recuos, saltos de ano, repetições". Nessa perspectiva, o tempo é um constante andar para frente que não permite recuos. Esta concepção de tempo contrapõe-se, portanto, a visão nostálgica daqueles que enxergam uma cidade do presente em termos da sua materialidade física e da sua dinâmica social e que, entretanto, mentalmente, vivem as cidades do passado. Esta "parada no / do tempo" não se restringe à visão material. A parada ou recuo no tempo implica a manutenção ou retomo a hábitos e costumes tradicionais, que se constituem verdadeiros enclaves ou gargalos psico-sociais, mesmo nos grandes centros urbanos:

Damas que se casaram na igreja e pela lei, vestidas de branco, damas que fizeram a vida inteira o que suas mães haviam lhes aconselhado a fazer, damas que agüentaram para sempre seus maridos, que viajaram pouco, que não freqüentaram a Universidade porque tinham sido preparadas para o casamento, damas maquiladas ainda a moda dos anos 50 (...). (COUTINHO, 1989, 114).

Milton Santos (1988) destacou que existem pessoas do tempo rápido e pessoas do tempo lento. Não significa necessariamente que o tempo rápido esteja nas metrópoles e o lento no campo. Mesmo nas grandes cidades existem os bolsões não só de pobreza, como também em termos de postura preconceituosa, racista, machista diante da realidade. Um exemplo disso são as mulheres

tradicionais, prisioneiras do espaço familiar e que por isso apresentam mobilidade espacial limitada. Seriam pessoas do tempo estagnado, enquanto Sofia seria, para elas, não uma mulher à frente do seu tempo, mas uma prostituta que ousou ir de encontro ao destino das mulheres, desregulando não a máquina do tempo e sim a trama maquinaica dos tabus, dos hábitos, dos costumes arraigados tradicionalmente, mesmo em uma metrópole, que geralmente se constitui em um espaço das inquietações urbanas por parte de grupos marginalizados. Sofia é uma personagem do passado quando enxerga a cidade de hoje com os olhos e os sentimentos de décadas passadas e do futuro quando seus questionamentos a projetam frente do seu tempo.

A autora faz menção a cidades bíblicas: Sodoma e Gomorra, cidades que teriam sido destruídas por Jeová. A família de Lot teria sido preservada desde que deixassem a cidade e andassem sem olhar para trás. A mulher de Lot olhou e petrificou-se por causa da sua desobediência ao Senhor. Mais uma vez, a visão da vida e do tempo como caminho, por isso a visão deve focar o que está à frente e o que está por vir em um plano horizontal e não o que ficou para trás. Nas grandes cidades de hoje, os passos rápidos e constantes das pessoas, sempre olhando para frente é um pouco desta visão de mundo. Muitas pessoas, no entanto, não pensam assim e, muitas vezes, não se adaptam às mudanças que fazem surgir uma nova cidade, como consta nestas passagens:

Mudou tudo em menos de vinte anos - valores, costumes. Fomos preparados para um tipo de realidade, veio outra completamente diferente. Nem todo mundo aqui suportou...

(...).

Mas, apesar de toda mudança, a modorra da cidade resiste - diz Sofia. O que há por baixo do verniz de modernismo é uma realidade ainda patriarcal, cabeças do século passado. Uma cidade que vive em torno de famílias patriarcais....

Talvez seja esta modorra que enlouquece as pessoas. Como se aqui o tempo fosse mais lento primitivo. Enquanto pela televisão, todo mundo vê outro tempo (....) (COUTINHO, 1989: 120 -121)

No novo cenário material, mantêm-se as velhas relações sociais, tabus familiares e de gênero na cidade labirinto. A TV trouxe à tona uma realidade além daquela experienciada corporalmente; a realidade de um mundo complexo, heterogêneo, que se constitui em uma realidade fluída, acelerada não só no caso dos complexos de alta tecnologia como também das diferentes culturas e do ritmo das pessoas de um novo tempo, que se chocam com os moldes e ditames patriarcais de épocas passadas e que são perceptíveis na escala local, mesmo nas grandes metrópoles informacionais. Para o personagem João Paulo, nos países subdesenvolvidos nota-se um recuo no tempo, e, neste contexto, a cidade

é um bolsão do passado:

Subdesenvolvimento, como viver em outro tempo anterior. Como voltar ao passado. O lugar subdesenvolvido percebe João Paulo, permanece como um bolsão de passado, de comportamentos e situações arcaicos. De repente, como voltar a outro século. O tempo aqui é circular (...). Um tempo mítico, tempo de antigas civilizações, que ainda não tinha noções de História como marcha para frente... (Coutinho, 1989:85) (Personagem João Paulo)

A concepção de tempo circular e mítico nas cidades dos países periféricos, nessa perspectiva, opõe-se a uma visão linear, crescente de tempo, o que faz com que a cidade do mundo subdesenvolvido, vista com olhos ocidentais, pareça parada no tempo. Nota-se uma generalização quando se fala em países subdesenvolvidos, uma vez que há uma heterogeneidade considerável neste grupo de países. Na Índia, na China, em alguns países africanos, o tempo mítico e a ligação com o passado são bem perceptíveis, por conta, sobretudo, das diferentes vertentes religiosas (Hinduismo, Budismo, Islamismo...). No entanto, mesmo que pontualmente, existam áreas de tecnologia de ponta que, em uma visão ocidental, constituem-se saltos no tempo ou pontos que destoam no contexto do tempo mítico.

A cada esquina da cidade, percebe-se as dobras do tempo que representam ações, trabalho intencional em uma determinada época, em um determinado contexto:

Olhando em torno, ah, é difícil reencontrar a cidade na cidade, como em si mesma quem ela foi. As camadas do tempo, sua grossa pátina, recobrem tudo, deixam apenas entrever. É preciso construir uma nova cidade em cima da antiga... (COUTINHO, 1989, p. 89).

Será preciso construir uma nova cidade em cima da antiga? Ou deve surgir uma nova mulher para esta nova cidade? Mais a frente, Sofia diz: "A cidade sou eu!", o conceito de cidade desloca-se da materialidade física coletiva para o humano subjetivo.

Tanto o espaço, quanto o tempo mítico aparecem no romance não só com menções a cultura oriental considerada exótica, como nas referências aos terreiros de candomblé situados na periferia de Salvador. A concepção de felicidade em um trecho da obra é de algo que se perdeu no tempo, algo exclusivo de uma época, ou mesmo um evento pontual, efêmero, e não um ancoradouro definitivo que foi perseguido durante muito tempo. "Fui Feliz naquele tempo!". (Sofia) Para alguns personagens é o movimento que de certa forma toma perceptível a passagem do tempo:

O dia amanhece com sol, João Paulo levanta-se bem cedo e vai de carro para a avenida beira-mar. Quando chega ao Farol, percebe que o vento cessa, sequer a mais leve brisa balança as folhas do coqueiro. Pára o carro, desce, debruça-se na amurada que margeia a praia e observa a paisagem, banhada por uma atmosfera atemporal. (COUTINHO, 1989: 40)

O olhar sobre a paisagem parada, quase fotográfica, sem movimento do homem ou da natureza, contribuirá para que se constitua este cenário atemporal. Já em outro trecho, a passagem do tempo aparece como algo positivo, que contribuiu para avanços: "(...) Nada como a passagem do tempo para dar uma dimensão inteligente e espiritual as mulheres antigamente apenas bonitas...", Coutinho (1989: 156). Nessa concepção de tempo e existência enquanto percursos, aparecem expressões como: "Nesta faixa de idade, a gente tem vontade de fazer balanços". Será que as pessoas podem estabelecer nas suas vidas recortes, épocas, períodos de se fazer isto ou aquilo? Será que há uma determinada fase da vida das pessoas que poderá ter um caráter auto-avaliativo em meio a fluidez por vezes fria e mecânica das grandes cidades informacionais?

As ações humanas na produção / reprodução do urbano acontecem ao longo de um tempo que não passa no mesmo ritmo para as pessoas. Uns vivem o tempo acelerado; outros o tempo lento, outros o tempo estagnado, muitos louvam aos Deuses no tempo mítico, e há ainda aqueles que estão presos a um tempo cujo atores e formas espaciais estão no passado.

As grandes cidades se constituem espaços de contradições, conflitos, fragmentos, inquietações tanto na dimensão espacial quanto temporal. No romance *Atire em Sofia*, a trama se desenvolve em cidades que apresentam cenários múltiplos; espaços fictícios, reais desejados, complexos, nos quais a dinâmica social flui ao longo do tempo.

A importância da análise de obras literárias que representam o urbano em uma perspectiva geográfica está assentada no fato de as grandes cidades se constituírem-se espaços múltiplos que sintetizam uma série de eventos, situações, ações, processos da vida humana tanto no sentido coletivo (grupos, galeras, tribos urbanas) quanto subjetivo, uma vez que cada pessoa percebe a cidade de forma diferenciada. A concepção de cidade de Sônia Coutinho ao longo da trama no romance *Atire em Sofia* intercala espaços concretos, sentidos, imaginários, projetados mentalmente e que por isso extrapolam para um plano transcendental, tornando mais complexo um cenário urbano que na sua materialidade e tessitura social real já é heterogêneo e contraditório.

A partir, portanto, da visão de cidade de Sônia Coutinho, desdobram-se várias questões, impasses, conceitos, temáticas da Geografia urbana como tempo, lugar, paisagem que foram aqui trabalhados e outros conceitos que podem ser trabalhados como território e territorialidade e a relação espaço / gênero ou espaço / etnia.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

COUTINHO, Sônia. **Atire em Sofia**. – Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 05; Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34, 1997.

HARVEY, D. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: Técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. – São Paulo, : Nobel, 1987.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Hucitec, 1988.

SOUZA, M. A. A. de. Cidade: Lugar e Geografia da Existência in: VASCONCELOS, P. de A. e SILVA, S. B. de M.e. (Orgs.) **Novos estudos de Geografia urbana brasileira**. – Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**. Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1980.

VÍRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Christian Bourgeois, Paris, 1984.